

A busca de um corpo: um breve paralelo entre a elaboração medieval do *corpus mysticum* no pensamento de Michel de Certeau e o texto de Jo 20,11-18

Marina Dias Lopes Paiva *

Resumo

Em sua breve passagem pelo campo da ciência, a Mística atravessou importantes caminhos de elaboração com vistas à busca de um objeto de estudo, o qual pudesse dar corpo à nova disciplina que se instituía. Neste percurso, Michel de Certeau nos apresenta, em sua obra *A fábula mística*, as bases de tal procura, ancorando o princípio de suas reflexões nas particularidades da época medieval, a qual experimentou produções valorosas em torno do *corpus mysticum*. Assim, no presente artigo, visamos estabelecer um paralelo entre as metamorfoses medievais do corpo místico e a narrativa joanina da manhã da ressurreição. Enquanto a Mística engendra a busca por um alvo sobre o qual possa se sustentar, o texto de João 20,11-18 relata o encontro de Maria Madalena com o túmulo vazio e, posteriormente, com o Ressuscitado. A fim de atingirmos os propósitos deste artigo, partimos da premissa comum que impulsiona ambas as temáticas: a busca de um corpo.

Palavras-chave: Mística. Corpo Místico. Túmulo Vazio. Corpo. Escondimento de Deus.

* Mestranda em Teologia na FAJE. E-mail: marinadiasp@gmail.com.

Abstract

On its brief transition to the science field, Mystics went through important pathways of elaboration in order to search for an object of study, which could provide a body to the new subject that was rising. In this route, Michel de Certeau presents, in his work *The mystic fable*, the foundations of such pursuit, basing the beginning of its reflections on the particularities of medieval age, which experienced valuable productions about the *corpus mysticum*. Thus, in the present article, we aim to establish a link between the medieval metamorphosis of the mystical body and the narrative concerning the resurrection morning, placed in the gospel of John. While Mystics engenders the search for an object in which it could sustain itself, John's text 20,11-18 describes the gathering of Mary Magdalene with the empty tomb and, later on, with the Resurrected. To achieve this article's purpose, we start from the common assumption that drives both themes: the search for a body.

Keywords: Mystics. Mystic Body. Empty Tomb. Body. God's Concealment.

Introdução

Os estudos em torno do desenvolvimento da Mística como ciência revelam que, em seus primórdios, o emprego da palavra "mística" era, exclusivamente, de cunho adjetivo (CERTEAU, 2015, p. 114). Segundo Certeau, a princípio, tal vocábulo designava maneiras de falar ou características lexicais concernentes ao campo religioso (Ibid., p. 114). Todavia, ao longo da história, o uso do termo experimentou mudanças sucessivas, as quais se complexificaram gradativamente, fazendo emergir um âmbito específico: "a mística". Das metamorfoses que levaram a palavra do adjetivo ao substantivo, surgiu uma nova área de conhecimento, cujas investigações buscaram criar discursos, categorizar procedimentos e definir experiências, na tentativa de extrair daí um objeto de estudo. Apesar dos esforços de elaboração, a existência desta nova ciência foi breve e acabou por se extinguir no fim do século XVII (CERTEAU, 2015, p. 116).

A inviabilidade da definição de um objeto de estudo representou, de acordo com Certeau, o principal motivo pelo qual a Mística se desvaneceu enquanto disciplina. Para o autor, por ser infinito, o objeto da mística, "não é senão jamais a metáfora instável de um inacessível" (CERTEAU, 2015, p. 116). Nesse sentido, o alvo do discurso místico se transforma em um rastro de um sujeito que é sempre efêmero e viajante e, por isso, não cessa de

escapar. Assim, na visão de Certeau, o fato de haver, na ciência mística, um indizível que persistia em golpear o aspecto possível de ser anunciado, o *modus loquendi* passou a habitar, novamente, o campo dos adjetivos.

Do ponto de vista bíblico, uma das facetas da mística se encontra no tema do desejo de encontro com Deus, o qual abunda, sobretudo, no Antigo Testamento, apresentando-se de diversas maneiras. Conforme o teólogo Rivaldave Paz Torquato, o Deus de Israel é um Deus que se esconde (Is 45,15) de modo a estimular o movimento de busca no indivíduo (TORQUATO, 2011, p. 602). Nessa perspectiva, na mesma medida em que o ocultamento de Deus é capaz de simbolizar seu mistério, acarreta no indivíduo a sensação de ausência, cuja resultante é a procura. Neste processo, quem busca visa ao encontro, que, na construção bíblica, é indicado pela faculdade visual¹, traduzindo a categoria da experiência (TORQUATO, 2011, p. 604). De acordo com Torquato, o Novo Testamento evidencia a união daquele que busca Deus por meio da figura de Jesus, em quem Deus revela seu rosto (Ibid.). Da mesma maneira que a mística enquanto ciência se depara com uma dimensão passageira e, portanto, impossível de ser apreendida no nível intelectual, Deus se esconde, frequentemente, a fim de que a experiência d'Ele não seja cristalizada (Ibid., p. 600).

Diante do cenário exposto, tomaremos como base a visão veterotestamentária sobre a busca de Deus, a fim de elaborarmos um breve paralelo entre o texto de Jo 20,11-18, e as transformações da mística como ciência no pensamento de Michel de Certeau. Por um lado, a narrativa joanina nos apresenta Maria Madalena em busca do corpo de Jesus. Por outro, o processo de desenvolvimento da ciência mística busca um corpo sobre o qual se debruçar. De um modo ou de outro, ambos os temas tomam uma trajetória comum: a busca por um corpo. Em um primeiro momento trataremos desta ausência de corpo que assola a mística e se inicia com a perda do corpo de Jesus. Em seguida, analisaremos as mudanças medievais concernentes ao *corpus mysticum*. Por fim, conectaremos as especificidades do caminho percorrido ao texto joanino.

1. O corpo que falta

Conforme as reflexões de Michel de Certeau, para compreendermos a evolução da mística, importa destacarmos a expressão *corpus mysticum* (corpo místico), advinda da época medieval. Diante da locução corpo místico, integrante da doutrina, defrontamo-nos com a perspectiva da procura de um corpo: trata-se de uma caminhada direcionada a um local marcado por uma ausência. Assim, compreendemos que a demanda de um corpo ocupa função central na mística.

¹ Como por exemplo, em Sl 42,3, "ver a face de Deus" e em Jó 42,5b, "agora meus olhos te veem".

Há discurso (um Logos, uma teologia etc.), mas falta-lhe um corpo - social e/ou individual. Que se trate de reformar uma Igreja, de fundar uma comunidade, de edificar uma "vida" (espiritual) ou de (se) preparar um "corpo glorioso", a produção de um corpo exerce um papel essencial na mística (CERTEAU, 2015, p. 120).

Assim, Certeau evidencia que o processo de procura corpórea na mística deve ser pautado na questão acerca do conceito do corpo. Por se vincular à classe do indizível, o discurso místico se vê, permanentemente, perturbado pela indagação, a qual permanece sempre incerta. Apesar disso, a mensagem mística trata da temática do corpo, apoderando-se de suas cercanias, de maneira provocativa. A fim de esclarecer esse assunto, Certeau propõe um modelo hipotético, no qual o corpo se localiza no centro, sendo permeado por três pontos num esquema triangular:

(...) esse enigmático foco pode ser figurado por um centro construído a partir de três pontos que se deslocam e cujas relações variam: um polo incidental (a surpresa de dores, gozos ou percepções que instauram uma temporalidade); um polo simbólico (discursos, relatos ou signos que organizam sentido ou verdades); um social (uma rede de comunicações e de práticas contratuais que instituem um "estar-aí" ou um "habitar") (CERTEAU, 2015, 121).

Os polos incidental, simbólico e social, definidos por Certeau, podem ser submetidos à um exame a partir de cinco perspectivas: o tipo da experiência, o conteúdo, a unidade-base, a função e a referência. Portanto, a procura de um corpo gira em torno de uma dinâmica entre os polos e suas particularidades. Para fins didáticos, apresentamos a estrutura visual desenvolvida pelo autor:

| | EVENTOS | DISCURSOS | PRÁTICAS |
|---------------------|--------------------------------|----------------------------------|---------------------------|
| CONTEÚDO | Dor/gozo | Sentido | Comunicação |
| UNIDADE-BASE | A surpresa (o que acontece) | O significante (o que nomeia) | A relação (o que liga) |
| FUNÇÃO | Uma historicidade | Uma simbolização | Uma socialidade |
| REFERÊNCIA | O tempo | A verdade | O lugar |

Tabela reproduzida da obra *A fábula mística*, de Michel de Certeau (CERTEAU, 2015, p. 122).

Sob a ótica cristã, a mística é influenciada integralmente por uma ausência específica: a perda do corpo de Jesus, base sobre a qual todo o cristianismo se sustenta. Trata-se, segundo Certeau, de um

desaparecimento fundante, o qual determina as peculiaridades da experiência cristã. Portanto, na tradição que professa Jesus como o Cristo, a falta de seu corpo impele a formação de instituições e discursos (corpos eclesiais, corpos doutrinários, etc.), os quais pretendem suprir tal ausência, descobrindo maneiras de constituir corpo a partir da palavra (CERTEAU, 2015, p. 122). Nesse contexto, Certeau evidencia que a questão do fazer corpo suscita uma indagação mobilizadora para os místicos: "Onde você está?", cujo teor ajuda a estruturar toda a mensagem cristã. A partir disso, o autor nos recorda a figura de Maria Madalena diante do túmulo vazio:

Diante do túmulo vazio, vem Maria de Magdala, essa figura eponímica dos místicos modernos: "Não sei onde eles o colocaram". Ela interroga o passante: "Se foi você quem o levou, diga-me onde você o colocou". Articulada por toda a comunidade primitiva, essa pergunta não se limita a uma circunstância. Ela organiza o discurso apostólico (CERTEAU, 2015, p. 123).

Dessa maneira, o corpo de Jesus é arquitetado a partir de uma propagação, conforme Certeau, "como uma escrita" (CERTEAU, 2015, p. 123). A inquirição de Madalena perante a ausência do corpo de Jesus retorna aos crentes, ao longo da história, atravessando acontecimentos, discursos, experiências e práticas cristãs, de modo a fabricar um corpo místico. Tal corpo, ausente e procurado, seria, na visão de Michel de Certeau, também o corpo dos crentes que desempenham o papel desta concepção corpórea.

2. As metamorfoses do *corpus mysticum* na era medieval

Em termos de doutrina, Certeau esclarece que a expressão *corpus mysticum* sofre uma mudança: "depois da metade do século XII, a expressão não designa mais a Eucaristia, como antes, mas a Igreja. Reciprocamente, *corpus verum* não qualifica mais a Igreja, mas a Eucaristia." (CERTEAU, 2015, p. 123). E, assim, tem-se uma inversão entre os adjetivos *mysticus*, o qual representa o oculto, e *verus*, o qual representa o real.

A Igreja, "corpo" social do Cristo, é doravante o significado (oculto) de um "corpo" sacramental mantido para um significante visível porque ele é a ostensão de uma presença sob as "espécies" (ou aparências) do pão e do vinho consagrados (CERTEAU, 2015, p. 124).

As reflexões de Michel de Certeau nos mostram que a troca na designação das expressões *corpus mysticum* e *corpus verum* determinou importantes modificações, que delinearão o contexto de desenvolvimento da mística enquanto ciência. Entre elas, o autor sublinha três mais significativas para nosso estudo, as quais serão tratadas brevemente a seguir.

2.1 Do ternário ao binário

Segundo Certeau, entre os três corpos existentes - o histórico (Jesus, autoridade apostólica), o sacramental (eucaristia) e o eclesial (Igreja) - a doutrina altera o eixo sustentador da fórmula, assumindo enfoque de tipo funcional, em detrimento do temporal, o qual caracterizava a regra antiga. Assim, o termo místico que, antes, vinculava-se ao corpo sacramental e atuava como mediador, garantindo a unidade entre dois tempos; passa a se ligar ao corpo eclesial e se posiciona em último lugar, colocando-se como um invisível ao visível. Em termos semióticos, a fórmula nova se traduz da seguinte maneira:

$$(\text{Histórico} \wedge \text{Sacramental}) \vee \text{Eclesial}^2$$

Perante esta nova visão, o corpo histórico se transforma em um "código que faz lei" (CERTEAU, 2015, p. 126) e o corpo sacramental é retomado na perspectiva do visível que designa o invisível. Nesse cenário, o corpo legível das origens e o signo visível da eucaristia proporcionam a criação de um corpo místico eclesial. E, dessa maneira, a estrutura binária do visível/invisível vence a construção ternária dos corpos histórico, sacramental, eclesial³.

Até a metade do século XVII, o "corpo místico" vai ocupar a posição estratégica de ser o outro em relação com as realidades visíveis. Tratar-se-á ora de dar um espaço "místico" à organização hierárquica ou escriturária, ora de dar uma visibilidade social ou textual a experiências místicas. O trabalho das reformas se mobiliza nessa fronteira (CERTEAU, 2015, p. 127).

O trabalho das reformas gera, portanto, um corpo místico nascido de seus discursos e para eles. Trata-se de um corpo distinto, sobre o qual a medicina, finalmente, consegue impor um corpo científico.

² Para Certeau, enquanto o símbolo \wedge assume função de conjugar, o símbolo \vee assume função de separar.

³ Segundo Michel de Certeau essa é a empresa da Reforma.

2.2 Uma estratégia do visível

A partir do Concílio de Latrão III, em 1179, o corpo eclesial se fortalece: "torna-se "místico" o que se destaca da instituição" (CERTEAU, 2015, p. 129). Com vistas à reconquista dos crentes, os clérigos se apoiam na técnica do "fazer ver para fazer crer", reassociando a vida mística ao aparelho eclesiástico. O corpo sacramental, nesse sentido, passa a ocupar o papel de autorização teórica e de ferramenta pastoral para o corpo eclesial, a fim de sustentar a recuperação de uma Igreja visível. Para tanto, evoca-se a técnica da confissão.

As campanhas eclesiásticas do fim da Idade Média desenvolvem os procedimentos que fazem "voltar" as experiências "místicas" no campo da instituição visível. A mola comum desses métodos - seu modelo técnico - parece ser a confissão (CERTEAU, 2015, p. 130).

Assim, de acordo com Certeau, a confissão auricular insere no meio clerical os desvios rotineiros e ocultos, aumentando seu poder, de modo a colocar em evidência a sociedade religiosa. Nessa conjuntura, deve-se manifestar, igualmente, o "mistério" da instituição: "de um lado e de outro, a pastoral tenta trazer os mistérios da instituição e os segredos da vida secular para um espaço de visibilidade" (CERTEAU, 2015, 132). Tal cenário, diz Certeau, articula o privado na linguagem eclesial, assumindo, dessa forma, uma função social. É nesse ínterim que surgem as confrarias e congregações religiosas, visando à "reconciliação do corpo social e da vida mística" (Ibid., p. 122).

Se as confrarias e as congregações constituem Igrejas em redução, já "igrejinhas", laboratórios onde se instaura a reconciliação do corpo social e da vida mística, elas não deixam de representar, entre a administração eclesiástica e as coletividades seculares, instituições paralelas e particulares que copiam a forma eclesial, desviam em seu proveito a "devoção" dos fiéis e compõem um lugar terceiro, frequentemente "isento", na verdade autônomo (CERTEAU, 2015, p. 133).

Diante do quadro exposto, Certeau ressalta que o campo religioso acaba por se ordenar em conformidade com a oposição entre o visível e o invisível. Logo, as experiências ditas ocultas ganham relevância e passam a ser agrupadas sob o nome de "mística".

2.3 O simbolismo: retórica e teologia

Em um terceiro momento, as pesquisas de Michel de Certeau demonstram que toda a mudança em torno dos corpos doutrinários e do tema da visibilidade atinge, igualmente, as noções de simbolismo, que, segundo ele, é questão central na linguagem mística. Para compreendermos esse argumento, Certeau evoca a teoria do simbolismo, cujo conteúdo parte da existência de uma analogia real entre os procedimentos (lógicos ou retóricos) que sistematizam o sentido e a sequência dos fatos. Há, portanto uma junção entre o retórico e o ôntico, tendo em vista a história da salvação e ou o cosmo da revelação.

Com efeito, para tratar as relações entre a produção do sentido e o desdobramento (histórico ou cosmológico) dos acontecimentos ou das coisas, o cristianismo antigo estende e aplica as “figuras” da retórica clássica à economia da salvação. Graças a esse deslocamento, os processos linguísticos permitem pensar relações entre fatos ou seres (CERTEAU, 2015, p. 137).

A possibilidade de articular a relação entre fatos e seres teve grande importância no cristianismo patrístico e medieval, de modo a caracterizar toda a exegese conhecida como espiritual. Um modelo dessa transferência do retórico ao teológico, para Certeau, é o uso que faz São Paulo da alegoria.

As duas mulheres de Abraão, uma escrava e a outra livre, são consideradas por São Paulo como uma “alegoria” que não caracteriza mais relações entre palavras (verba), mas entre os fatos (*res* ou *facta*). Agar e Sara “são” (antecipadamente) “as duas alianças sucessivas com Deus, o Antigo e o Novo Testamento”. Esse reemprego supõe a legitimidade da transferência que faz passar o tropo de um uso linguístico (um trabalho sobre o sentido das palavras) a um uso teológico (uma afirmação concernente a um “trabalho” da história) (CERTEAU, 2015, p. 137).

A alegoria, por conseguinte, reúne acontecimentos históricos entre si, determinando três condições: 1) *Allegoria theologica*, na qual a vontade de significar parte de Deus, a fim de que um acontecimento designe outro; 2) *Allegoria historiae*, na qual o simbolismo é circunscrito em uma cronologia que condiciona a transformação do fato em alegoria; 3) *Allegoria in factis*, na qual são necessárias equivalências reais para validar um simbolismo histórico entre fatos. A tese de Michel de Certeau, no entanto, mostra-nos a inviabilidade da instauração de tais condições, uma vez que “a simplicidade de seu querer transcende suas próprias obras e escapa, pois,

a toda inteligência que, necessariamente, se apoia sobre elas" (CERTEAU, 2015, p.141).

Do panorama exposto, percebemos que as buscas medievais pelo encontro de um corpo que sustentasse a mística como uma ciência se defrontam com a intangibilidade que lhe é peculiar, culminando, portanto, em novos desdobramentos, os quais, ao longo dos séculos seguintes, representou o que Certeau nomeia como "uma guerra de 100 anos na fronteira da palavra" (CERTEAU, 2015, p. 171). Da era medieval até a modernidade, a elaboração da mística enquanto disciplina delineou tortuosas trajetórias, cuja direção sempre esteve em busca de um corpo. Enquanto no século XIII a procura se desdobra pelas variações de um corpo místico, na passagem do século XVI para o XVII, "a mística" se identifica com o teólogo místico (Ibid., p. 169), um corpo concreto que a substantiva.

O substantivo "mística" parece fazer sua aparição nos meios ou a propósito dos grupos que se distanciam mais da instituição teológica e, como muitos nomes próprios, ele tem inicialmente forma de alcunha ou de acusação (CERTEAU, 2015, p. 169).

Nessa perspectiva, a formação do substantivo "a mística" vai, gradativamente, afastando-a da teologia, de modo que passa a ser tratada por Jean-Joseph Surin, até mesmo, como "uma ciência inteiramente separada das outras" (CERTEAU, 2015, p. 169). Entre tantas metamorfoses, interessa-nos concluir que toda a história da mística faz irromper maneiras de falar, cujas especificidades retomam, ao final do século XVII, seu aspecto qualificador, devolvendo à mística a característica adjetiva que a definia em seus primórdios.

3. O túmulo vazio e a busca de um corpo

Como verificamos no início de nossa reflexão, a pergunta pela localização do corpo de Jesus impulsionou os místicos, dinamizando o princípio da caminhada evangélica. No que tange à ciência mística, a falta de um corpo exerceu papel fundamental para o seu desenvolvimento enquanto disciplina. De acordo com Certeau, tal ausência - também dolorida - engendra a iniciativa de proporcionar um corpo ao espírito, isto é, de "encarnar" o discurso místico, a fim de preparar o seu lugar.

Contrariamente às aparências, a falta se situa não do lado do que faz ruptura (o texto), mas do lado do que "se faz carne" (o corpo). *Hoc est corpus meum*, "Isto é o meu corpo": esse logos central lembra um desaparecido e chama uma efetividade. Os que levam a sério esse discurso são os que experimentam a dor de uma ausência de corpo (CERTEAU, 2015, p. 120).

Ao partir da temática da corporalidade, Michel de Certeau comenta a respeito do Evangelho de João, evidenciando uma espécie de movimentação espacial no que diz respeito à existência de Jesus em determinados locais. Para o autor, a presença do Nazareno é dividida entre duas realidades: uma concreta e tangível e outra imaterial e inacessível.

No Evangelho de João, Jesus só tem presença repartida entre os lugares históricos onde ele não está mais e o irreconhecível lugar, diz ele, "onde eu estou" (Jo 7,34; 12,26; 14,3; 17,24; etc.), de maneira que seu "estar-aí" é o paradoxo de "ter estado" aqui outrora, de "permanecer" inacessível em outro lugar e de "voltar" mais tarde (CERTEAU, 2015, p. 123).

É nesse contexto, que articula o passado, o presente e o futuro da presença de Jesus, que se delineia a busca de Maria Madalena por seu corpo na manhã da ressurreição. Em Jo 20,1, Maria Madalena vai ao sepulcro, quando ainda estava escuro, encontrando o local aberto e vazio - o corpo não estava ali. Segundo a análise de Torquato, o texto não apresenta uma finalidade para a visita, tampouco relata a presença de acompanhantes, de modo a insinuar "a busca de alguém que se ama motivada por uma ausência que dói" (TORQUATO, 2011, p. 623).

A perspectiva da busca é expressa no deslocamento ao túmulo (...) (v. 1) - e confirmada na pergunta posterior: "quem buscas?" (...) (v. 15), enquanto a ausência que dói exprime-se sobretudo no túmulo vazio (vv.1-2), na ansiedade da procura (vv. 2.15) e no choro mencionado quatro vezes (vv. 11.11.13.15). (CERTEAU, 2015, p. 623).

Enquanto o versículo 13 revela que Madalena não sabe onde puseram Jesus, o versículo 14 descreve o momento em que ela o vê, mas não o reconhece. Nesse sentido, segundo Torquato, sua busca é um fracasso. A presença dos anjos, nos versículos 11-13, não ameniza a dor daquela que busca: "Madalena continua vendada pela dor da ausência e a externa no choro" (TORQUATO, 2011, p. 624). Em seguida, Jesus entra em cena, porém ela não o identifica; ao contrário, persiste no desejo de encontrar o corpo de Cristo.

Os vv. 14-15 apresentam "o homem do jardim", que retoma a pergunta dos anjos: "por que choras?". Todavia, dá um passo a mais e pergunta por algo mais profundo: "quem buscas?". O amado escondido se abaixa, ou seja, vai ao encontro da busca de Madalena e pergunta pelo objeto de sua busca, por uma pessoa (...). Ela continua, porém, fixada no corpo, isto é, continua buscando um amado morto (TORQUATO, 2011, p. 624).

A insistência de Madalena na busca por um corpo que já se foi nos remete aos esforços medievais de procura por um objeto de estudo que caracterizasse a mística como ciência: trata-se de uma tarefa impossível. Por um lado, Madalena procura o corpo daquele que fora crucificado diante de seus olhos. Por outro, a mística procura captar um objeto infinito e fugidio: "cada 'objeto' do discurso místico se inverte em vestígio de um Sujeito sempre passageiro" (CERTEAU, 2015, p. 116). Embora o corpo outrora morto não se encontre mais no túmulo, Torquato nos mostra que, Jesus está presente no texto joanino, aguardando, porém, o momento de ser descoberto.

Nos vv. 16-18 a identidade do "homem do jardim" é desvelada e a chave ou senha para entrar no interior de Madalena e quebrar as cadeias que a vendavam é seu próprio nome: Mariam (v. 16), que imediatamente replica: Mestre (*Rabbuni*) – literalmente "meu Mestre". A noite escura começada em 19,25 transforma-se finalmente em aurora (TORQUATO, 2011, p. 624).

Para Certeau, a passagem que relata o chamado de Jesus e a resposta de Madalena já está relacionada com a vida mística (CERTEAU, 2015, p. 123). Ao ser reconhecido, Jesus não se deixa reter: seu corpo não pode ser apreendido, pois ele precisa subir para o Pai (Jo 20,17). Todavia, o Ressuscitado dá uma missão: "vai a meus irmãos e dize-lhes" (Jo 20,17). De acordo com Torquato, "a experiência desperta a responsabilidade do anúncio: 'foi anunciar aos discípulos'" (TORQUATO, 2011, p. 624). Embora Madalena não possa reter o corpo do Cristo, pode - e deve - dizer de sua vivência com ele. Diante disso, deduzimos uma relação desta narrativa com a história medieval da busca por um corpo místico: assim como o corpo do Ressuscitado, o objeto da mística não pode ser capturado; no entanto, assim como Madalena se movimenta para anunciar, a mística desenvolve seu *modus loquendi*, elaborando discursos místicos a partir de sua própria forma de falar. De qualquer maneira, seja na busca de Madalena ou na história da mística, ressaltamos que o corpo procurado é sempre inapreensível.

Conclusão

Ao analisar as questões em torno da mística cristã em seu artigo "*The weakness of believing*", Certeau declara que o chamado do cristão é para o movimento. Assim, a espiritualidade cristã deve evitar a tentação de se estabelecer em um lugar definitivo, a fim de lembrar ao crente a impossibilidade de identificar a fé com um local específico.

A tentação do "espiritual" é de constituir o ato da diferença em um lugar, transformar a conversão em uma instituição, substituir o 'poema' [de Cristo], o qual declara a hipérbole com a força para fazer história ou para ser a verdade que toma o lugar da história, ou, finalmente, como na transfiguração evangélica (um movimento metafórico), para tomar a 'visão' como uma 'tenda' e a palavra como uma nova terra (CERTEAU, 2000, p. 236, tradução nossa).

Certeau se apoia no termo fábula para falar sobre a mística. Para o autor, o misticismo é considerado uma fábula por não poder declarar a verdade definitiva. No que diz respeito à fé, ele afirma que o discurso em torno do Absoluto não pode ser capturado, nem detido:

A fé fala profeticamente de uma Presença que é, ao mesmo tempo, imediatamente sentida e que ainda está por vir, a qual não pode ser recusada sem uma traição de toda linguagem, e ainda assim não pode ser imediatamente capturada e detida em termos de alguma linguagem particular (SHELDRAKE, 2001, p. 46, tradução nossa).

Considerando a análise do texto joanino a respeito do túmulo vazio, compreendemos, de acordo com Torquato, que a sensação da ausência é o que fomenta a busca. O processo de procura, por sua vez, demanda dinamismo: "movimento do homem, da alma na direção do objeto buscado, de Deus" (TORQUATO, 2011, p. 628). A esse respeito, o autor nos lembra que a ausência divina tem a função tanto de aprimorar, quanto de despertar o desejo. Uma vez que não pode ser cristalizada, a experiência de Deus requer constantemente uma busca (tomamos aqui, como exemplo, a busca de Maria Madalena pelo corpo de Cristo). De maneira análoga, podemos inferir que a tentativa medieval da mística de encontrar um corpo se torna impossível, na medida em que seu objeto de estudo não pode ser capturado. Enquanto indivíduos nós somos incapazes de esgotar o mistério divino. Similarmente, enquanto possível ciência, a mística é incapaz de esgotar o misticismo de suas experiências. É por essa mesma razão que a busca de um corpo não cessa de acontecer: é sempre viva, frequente e itinerante.

Referências

DE CERTEAU, Michel. *A fábula mística*. Séculos XVI e XVII. Volume I. Tradução: CHIQUIERI, Abner. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

DE CERTEAU, Michel. "The Weakness of Believing: from the body to writing, a Christian transit". In: *The Certeau Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

SHELDRAKE, Philip. "Unending desire, De Certeau's 'mystics'". *Way supplement*, 102, 2001, p. 38-48.

TORQUATO, Rivaldave Paz. "Deus se esconde ou nossa experiência se cristaliza?". *Revista Pistis & Praxis*, Teologia Pastoral: Curitiba. Volume 3, n. 2, jul./dez. 2011, p. 599-633.